

# Adolescência prolongada: o tempo que não se quer deixar passar

---

Martial de Magalhães Câmara  
Amadeu Roselli Cruz

## RESUMO

Os autores fazem uma revisão da literatura sobre adolescência, dentro de uma visão psicanalítica, motivados pela análise de um texto de ROUANET (1992) e pela maior frequência do quadro clínico de adolescência prolongada em consultório. Conceituam o termo adolescência expandida, e adolescência prolongada, relatando alguns casos clínicos referentes ao abuso de drogas com etiologia atribuída à imaturidade da adolescência prolongada. Mostram ser comum hoje encontrar um número significativo de jovens adultos que prolongam sua adolescência, influenciados pela sociedade, com a tolerância ou até incentivo da família. Há necessidade de maior reflexão sobre o assunto para criação de condições de mudanças sociais e psicológicas, que só serão possíveis com a aceitação do fato de que todos temos de envelhecer e morrer. Em outras palavras, abandonar posições infantis.

*Palavras-chave:* adolescência prolongada, adolescência expandida, abuso de drogas.

## ABSTRACT

Authors have been revising literature on adolescence from a psychoanalytical view, influenced by the analysis of Rouanet's work (1992) and also because extended adolescence is becoming more and more often. The concept of extended or prolonged adolescence, related to some clinical cases such as drug abuse with etiology attributed to immature extended adolescence has been presented. Nowadays it is very common to find many young adults who postpone the end of their adolescence, influenced by society or even incentivated by the family. Better reflexion concerning changes of social and psychological conditions is a must, and these changes are likely to happen when we accept the fact that we are growing old and dying. In other words, childish attitudes should no longer exist.

*Key-words:* extended adolescence, prolonged adolescence, drug abuse.

## Introdução

A palavra *adolescência*, no dicionário Aurélio, é encontrada com dois sentidos para esse substantivo feminino. O primeiro o define como o período da vida humana entre a puberdade e a virilidade dos 14 aos 25 anos (uma definição impregnada de machismo como se pode ver, uma vez que a palavra virilidade refere-se somente ao homem). O segundo sentido, com cunho psicológico, diz que é o período que se estende da terceira infância até a idade adulta, caracterizado psicologicamente por intensos processos conflituosos e persistentes esforços de auto-afirmação, correspondendo à fase de absorção dos valores sociais e elaboração de projetos que impliquem plena integração social.

Para MYRA e LOPES (1954), nas línguas neolatinas admite-se geralmente que a adolescência, do latim *adolescere* que significa crescer, é um breve espaço de tempo entre a segunda infância e os primórdios da vida adulta. Observar-se-iam, a par de transformações anatômicas e psicológicas, alterações de conduta e mudanças morfológicas sensíveis. Ressalta o autor que à medida que a psicologia foi evoluindo, a duração desse período foi sendo aumentada até compreender grande parte da juventude. De modo geral, considerar-se-ia como próprios dessa fase evolutiva os seguintes fatos: alteração do esquema corporal e a obrigação de um novo ajustamento a que isso obriga, alteração dos sentimentos vitais com perda da base cenestésica referencial e deslocamento na estabilidade do eu, erotização do campo da consciência e necessidade de achar o "complemento", fixar a libido em objeto concreto, busca ansiosa do mistério da vida e morte, com preocupação crescente no futuro, liberação de tutelas, independência do ambiente familiar e finalmente, fixação do papel social a representar.

Com relação à puberdade, esta palavra vem de *pubes*, latim que tem sentido próprio de pêlo, daí cobrir-se de pêlos, de flores, de lanugem, brotar, crescer etc. BLOS (1979, 1994) usa o termo puberdade para indicar as manifestações físicas da maturação sexual. A pré-puberdade seria o período que precede

imediatamente o desenvolvimento dos caracteres sexuais primários e secundários. A palavra adolescência seria então usada para indicar os processos psicológicos de adaptação à condição de pubescência. Retrospectivamente, o período de latência caracterizar-se-ia mais pela falta de novos objetos sexuais que pela falta de atividade sexual.

O desenvolvimento bifásico da sexualidade humana foi descrito por FREUD (1905) em seu trabalho “Três ensaios sobre a sexualidade”, onde, pela primeira vez em psicanálise, foram apresentados os achados da adolescência como um prolongamento, continuação da infância, e essa situação bifásica representaria uma condição singularmente humana.

É comum na clínica verificar que a adolescência não é apenas o período de trabalho emocional; com freqüência verifica-se que, apesar dele, propicia este período cura espontânea de influências patogênicas infantis, oferece ao indivíduo a oportunidade de modificar ou retificar exigências infantis que ameaçavam seu desenvolvimento progressivo.

A adolescência foi chamada de segunda edição da infância e os dois períodos têm em comum o fato de que um *Id* relativamente forte enfrenta um *Ego* relativamente fraco. Com relação à infância, a adolescência mostra uma necessidade de manutenção dos jogos, não mais os jogos infantis, mas sim o “jogo sério” ou os esportes que ajudam a combater a angústia própria da crise da fase. Pode ser vista como uma fase transicional de perturbações dos mundos psicológicos estáveis da infância e da idade adulta.

Ana FREUD (1958) assinala as alterações dos instintos, a organização do eu, as relações objetais e os papéis sociais que caracterizam esse período e dão lugar ao processo que leva desde o equilíbrio psicossocial da infância dentro de seu grupo familiar, passando por uma inevitável etapa de transtornos do desenvolvimento, até a independência adulta. Em que pese a importância e as mudanças que acarretam, as freqüentes crises na adolescência não devem ser vistas como distúrbios indesejáveis, mas sim como fenômenos necessários para ensaios e erros, para a busca de um novo sentido da personalidade e seu papel social. A imagem corporal é núcleo da identidade do eu, havendo repercussões psicossociais nesse período de mudanças físicas, no cotidiano do adolescente.

Na prática não é fácil estabelecer um limite preciso para o início da adolescência, mas esta estaria entre algum momento dos onze aos quatorze, quando tal transformação se passa. Se é difícil usar um critério cronológico para determinar fases da idade, sugere-se usar um critério funcional, de maior utilidade na clínica. Quem funciona sistematicamente como um adolescente, em qualquer idade, será um adolescente. Seja uma criança precoce, de 8 anos (um menino de rua), ou um adulto de 40 anos (adulto ainda dependente dos pais ou do cônjuge). São exemplos de adolescências expandidas tanto para baixo, como para cima. Em ambos os casos a adolescência será prolongada. Percebe-se que na infância há uma fase de maturação infantil, em que essa criança considerada exibe em geral uma estrutura psíquica coerente. Com relação às fases das quais se compõe a adolescência, são elas de definição cronológica difícil e é útil uma divisão para melhor compreensão clínica.

Na pré-adolescência não há estirões, o crescimento em altura é constante. Na primeira fase da adolescência propriamente dita, começa o desenvolvimento das características sexuais. Na fase média, o pêlo púbico pigmentado se desenvolve, assim como crescem os órgãos sexuais; há aceleração máxima do crescimento físico, menarca, mudança de voz, ejaculação com infertilidade. Na última fase a voz se torna grave e aparece a ejaculação com espermatozoides móveis e férteis nos rapazes, e nas moças a ovulação.

Como comportamentos individuais nas fases da adolescência, qualquer um que tenha contato com eles pode observar: inquietude física, menor capacidade de concentração, crescente ambivalência frente aos objetos amorosos, tiques, rituais, mania de colecionar, regresso a crenças anteriores acerca de sexo apesar da informação sexual adquirida, regressão a fases libidinais anteriores, avaliação pré-genital do sexo oposto, evitação de contato físico com os pais etc.

Como comportamentos grupais geralmente são encontrados: conflito entre a lealdade aos pais e ao grupo adolescente, desafios a normas de linguagem, higiene e saúde, gosto por riscos, evitação dos pais ou substitutos tais como professores, lealdade aos pares, busca de segurança em grupos, ver o sexo oposto como troféu e não considerá-lo em termos de relações interpessoais, evitar toda ajuda de adultos, baixo prestígio da comunicação verbal com adultos. Há uma margem de manobra que toda sociedade tem que permitir aos jovens, para que experimentem com a vida sem temor a compromissos e conseqüências, com o intuito de adquirir as capacidades e características que necessitarão quando adultos para descobrir o seu lugar social. Isso foi denominado de “Moratória” por ERICKSON (1946).

Para romper a dependência, que o adolescente vivencia com desejos de retornar à antiga e segura posição infantil, sucede freqüentemente o menosprezo aos pais e, não raro, surge um clima de desdém mútuo. Deve-se levar em conta a crise de meia idade dos pais e a tarefa de aceitar a sexualidade dos filhos numa

época em que resulta difícil aceitar seu próprio declínio. Torna-se necessário estabelecerem os pais limites coerentes, com os quais os adolescentes possam lutar em seus esforços para romper a dependência. Se esses limites faltam, o adolescente se sente esquecido e não querido. Por mais que se rebelem contra os pais, continuam a vê-los como modelos basicamente valorizados e a construção de suas identidades será consideravelmente influenciada por isso.

Para os jovens que não querem ou não podem seguir os estudos superiores, não é fornecida, a não ser em raríssimas exceções, uma transição que favoreça a inserção desses adolescentes no mercado de trabalho. Sem se falar no estreitamento desse mesmo mercado em nível mundial. A implicação da adaptação ao trabalho é muito grande no desenvolvimento da identidade do adolescente. Por outro lado, o fracasso no trabalho pode muito bem ser secundário a problemas com os pais, logo, a ação solidária e atenta destes é de fundamental importância.

### **Rouanet e o irracionalismo**

A condição denominada adolescência prolongada, cada vez mais freqüente nos consultórios, na crônica social e na literatura científica, motivou aqui a revisão de um trabalho de ROUANET (1992) sobre um novo irracionalismo brasileiro. As origens desse irracionalismo fundar-se-iam em duas principais influências, as externas e as internas. Com relação às primeiras seriam importantes a contracultura americana dos anos 70 e sua variedade teórica com sintonia em certos pensamentos europeus. Os fatores internos seriam igualmente importantes sendo o principal a política educacional do regime autoritário, com uma extirpação metódica por cerca de vinte anos de todos os valores humaníssimos e idéias gerais, resultando numa geração de egressos que transformam seu não saber em norma de vida por absoluta ignorância.

Segundo ROUANET, o irracionalismo só raramente se autotematiza, resultando que essas pessoas não têm um discurso irracionalista e sim atitudes irracionalistas. O irracionalismo seria oportunista e parasitário, capturando tendências em voga que em si nada têm de irracionais.

Trazendo para o primeiro plano as influências políticas e econômicas, diz o autor que o modelo brasileiro dos últimos anos levou à emergência de um estado de espírito antiautoritário, estado de espírito esse legítimo; assim como a emergência de posições anticolonial e antielitista. A partir dessas tendências poder-se-ia construir uma sociedade melhor, se fundada na razão. Isso não ocorreu, essas tendências se transformaram em presas fáceis do irracionalismo.

Com relação ao antiautoritarismo, o irracionalismo se manifestaria na recusa do esforço de teorização, isso faria a atitude antiautoritária perder a bússola e condenar-se à prática cega, ensaio e erro. No que refere ao anticolonialismo, haveria uma rejeição a uma cultura autêntica, haveria uma orientação xenófoba. Essa cultura, brasileira ou não, sempre funcionaria como fator crítico e de reflexão, instrumento de autotransformação e de transformação do mundo. Contaminado pelo irracionalismo o antielitismo produziria o efeito de desqualificar a cultura superior, não havendo então, uma busca para o estudo nem uma denúncia do monopólio da cultura.

O irracionalismo agiria na disjunção entre a prática e o saber, mas operaria também no interior do próprio saber. Como exemplo, ROUANET traz a postura lingüística de separatismo entre as normas lusitana e brasileira, quando as semelhanças entre essas predominam de modo esmagador sobre as diferenças. Coloca ainda outro exemplo por ele considerado como ideologicamente cego, a valorização do falar popular, valorização essa que conduz pensamentos restritos, estruturas de pensamento arcaicas, concretas, autocentradas, pois partiria de um sistema de comunicação restrito.

No que tange à psicanálise, ROUANET vê em FREUD um racionalista inflexível; e que este foi além do iluminismo, pois enquanto antes se dizia que o homem nascia racional e ficava indefeso diante da desrazão por desconhecer os limites da razão, FREUD descobriu esses limites e com isso armou o homem para a conquista da razão.

Segundo FREUD (1930), civilização só é obtida por meio de repressão. Para a convivência em grupo todos teriam que abrir mão de inclinações e desejos determinados em prol do bem comum. Isto traz desconforto e demanda um dispêndio energético, do ponto de vista econômico, mas é o meio para o homem cumprir seu papel social.

## A psicanálise e a adolescência

O estudo psicanalítico da adolescência começa com FREUD. Em seu trabalho de 1905, “Três ensaios sobre a sexualidade”, realçou as importantes fases da sexualidade infantil, até então negadas pelo meio científico, e também o que ocorria no jovem, no período intermediário entre a infância e a vida adulta.

No vocabulário científico usa-se o termo libido como correspondente à fome para designar a necessidade sexual. A concepção anterior a FREUD era que essa libido estaria ausente na infância e se instalava na puberdade. Tal afirmação carece hoje de fundamento. O que ocorre é uma sexualidade em dois estágios, um na infância e o outro após a puberdade com uma fase de relativa tranquilidade intermediária, o chamado período de latência.

Essa situação quiescente é perturbada com as mudanças que ocorrem na chegada da puberdade, destinadas a dar à vida sexual infantil sua forma final. O instinto sexual que até então fora predominantemente auto-erótico, encontra agora um objetivo sexual. Todos os instintos parciais se combinam para atingir o novo objetivo sexual sob a primazia da zona genital. Ocorre confluência da corrente afetiva e da sensual e o instinto sexual está agora subordinado a sua função reprodutora, tornando-se assim altruístico.

De acordo com JONES (1922), o indivíduo recapitula e expande no segundo decênio de sua vida todo o desenvolvimento que ele passou durante os cinco primeiros anos de vida. Ana FREUD (1958) estudou e ampliou o tópico, fazendo um levantamento histórico sobre o assunto até a década de cinquenta de muita importância. Ela mencionou o uso por Bernfeld do termo adolescência prolongada, usado para descrever um tipo especial de jovem do sexo masculino cujo período de adolescência se expande além do limite normal de tempo.

O adolescente está destacando sua libido dos antigos objetos e buscando novos, um certo luto por esses objetos do passado é inevitável. Na adolescência como no enamoramento ou ainda no luto, grande parte da libido está voltada para o objeto do presente ou do recente passado e há insuficiente libido disponível para se ligar à figura do analista e atualizar material pela transferência. Isso deveria ser levado em conta por todo aquele que trata de adolescentes, pois há necessidade de certa modificação da técnica clássica de psicanálise.

Ana FREUD salientou tipos de defesa contra os vínculos objetivos e contra os instintos. Com referência aos primeiros citou o deslocamento da libido, a inversão dos afetos, a retirada da libido para a própria pessoa e a regressão. Com relação aos segundos citou o ascetismo, a intelectualização e as defesas maníacas entre estas a onipotência, o triunfo e o desprezo.

DEUTSCHE (1944) marcou a importância da mudança de valores sociais e culturais influenciando de diversas formas na adolescência. Ressaltou que na sua atualidade os adolescentes não mais teriam um conceito de identidade e maturidade adultas, descobrem que isto se torna obscurecido uma vez que os próprios pais freqüentemente estão envolvidos com sua própria adolescência ainda incompleta. Citou ainda que a precocidade na iniciação sexual poderia trazer dificuldades à capacidade de sublimação do adolescente.

Para BENEDEK (1983), a condição de pais é um estágio de desenvolvimento e muito dos genitores dos adolescentes de hoje não o atingem. Adolescentes da cultura atual, menos autoritária, tenderiam uma vez passada a rebelião do processo adolescente a ter uma atitude para com seus filhos de dúvidas e insegurança sobre o papel parental. Essa geração seguinte seria criada por genitores menos seguros que perseguiriam metas menos estáveis em um mundo em mutação. Para a autora, a parentalidade, como uma experiência biopsicológica, ativaria e alimentaria um processo de desenvolvimento no genitor. É uma fase de desenvolvimento a que muitos evitariam chegar.

JACOBSON (1954) afirma que os adolescentes apresentariam mais resistências à análise que os adultos e esses geralmente não reviveriam as reações emocionais correspondentes ao período adolescente apesar de produzirem abundante material mnêmico. Definiu a adolescência como o período entre a triste despedida da infância do *self* e dos objetos do passado e uma gradual e ansiosa passagem de barreiras através do caminho que leva ao desconhecido campo da vida adulta. Observou a autora que as primeiras ejaculações e a menarca seriam freqüentemente vistas como desconcertantes pelos adolescentes, principalmente pela sensação de não terem mais controle sobre seu próprio corpo.

Para WINNICOTT (1975, 1988) haveria importância em uma série de fatores, tais como: desenvolvimento emocional do indivíduo, papel dos pais, a família como um processo natural em função das necessidades da infância, as escolas como extensões da vida familiar, o papel da família em sua relação com as necessidades do adolescente, a imaturidade do adolescente, a consecução gradativa da maturidade neste, a consecução pelo indivíduo de uma identificação com grupos sociais e com a sociedade, a estrutura da

sociedade, as abstrações da política, economia, filosofia, cultura, o mundo como superposição de inúmeros padrões individuais.

Com relação à idéia da dependência, o indivíduo passaria gradativamente e ordenadamente da dependência absoluta original para a independência relativa; a independência não se tornaria nunca absoluta. As pessoas psicologicamente sadias dependeriam para sua saúde e realização pessoal da lealdade a uma determinada área da sociedade. Com relação às fantasias, narrou WINNICOTT que, se na fantasia primitiva haveria a morte, na adolescência apareceria o assassinato. Crescer significaria ocupar o lugar do genitor, na fantasia inconsciente crescer seria mentalmente um ato agressivo.

Abusar de drogas pode significar adaptar-se a essas obrigações, ou delas fugir, atenuando a realidade sob o efeito da droga psicoativa. A droga aliviaria a tensão do inconsciente sobre um ego omissivo ou ainda mal estruturado para as funções que dele se espera naquela idade.

Com relação ainda a esse crescer, o adolescente seria dogmaticamente imaturo e essa imaturidade seria um elemento essencial para a saúde na adolescência; só haveria uma cura para a imaturidade e esta seria a passagem do tempo. A sociedade precisaria ser abalada pelas aspirações daqueles que não são responsáveis. Enquanto o desenvolvimento se encontrasse em progresso as responsabilidades teriam que ser assumidas pelas figuras parentais.

GELEERD (1957) chamou a atenção para as diferenças consideráveis na estrutura da personalidade entre adolescentes das diversas fases, mostrando que a fronteira entre essas seria de difícil demarcação. Antes de se fazer qualquer discussão sobre a adolescência dever-se-ia observar em que período estaria esse adolescente considerado.

Ainda para MAHLER (1975), a individuação seria um processo em aberto e isso possibilitaria mudanças. Mudanças tais como, por exemplo, o efeito terapêutico da psicanálise. A quarta e última subfase de separação e individuação que os estudos da autora sistematizaram seria diferente das outras três subfases, principalmente por manter em aberto seu final.

## **Adolescência prolongada**

RITVO (1971) chama atenção para a fase final da adolescência, quando a última e grande integração e estruturação da personalidade toma lugar. A duração e o estilo da adolescência é muito influenciada por fatores sociais e culturais mais que qualquer outro período de desenvolvimento na vida do indivíduo. O início pode ser determinado pela biologia, pela cultura, pelas questões políticas e econômicas, mas pode ser continuado e prolongado pelas condições da sociedade e pela estrutura familiar.

Na fase final da adolescência há uma organização estável das funções do ego, uma extensão da esfera livre de conflitos desse ego até a autonomia secundária, uma identificação sexual irreversível, uma constância objetal e uma estabilização do aparelho mental. JACOBSON (1954) coloca grande valor nas mudanças do ego e nas identificações do superego adolescente.

Na adolescência final haveria um incremento de poder do ego que lhe daria um acréscimo de influência no *Id* e superego. O ego adquiriria um papel de mediador ativo, para isso seria fundamental o papel da formação do ego ideal. A crise da adolescência final apareceria quando houvesse um malogro para resolver os efeitos da neurose infantil e outros distúrbios prévios de desenvolvimento que embaraçariam o estabelecimento de relações objetais.

O indivíduo em crise responderia intrapsiquicamente aos conflitos com os atalhos preparados por sua história de vida anterior. Isso seria relativamente válido de geração para geração e o que mudaria seriam as condições que a pessoa teria em mãos no seu período histórico.

A expressão “adolescência prolongada” foi introduzida por Bernfeld em 1923 e seu objeto de investigação na época era a adolescência masculina prolongada como fenômeno social observada nos movimentos europeus de juventude após a primeira guerra. Havia nesses grupos uma predileção pela intelectualização e repressão sexual, retardando com isso a consolidação do conflito adolescente. Este termo com o tempo passou a ter uma conotação mais ampla sendo hoje um termo descritivo e coletivo que compreende condições de constelações dinâmicas heterogêneas.

O termo refere uma perseveração na posição adolescente, a qual, em circunstâncias normais, tem um tempo limitado e uma natureza transitória. Uma fase de amadurecimento, que deveria ficar para trás depois de realizada sua tarefa, torna-se um meio de vida. Esse adolescente luta para contornar a finalidade das escolhas que são feitas ao final da adolescência; o processo de adolecer não é abandonado, mas mantido em aberto.

Adolescentes têm, em geral, uma inabilidade para ficar sós e essa inabilidade os força a unir-se em grupos. As companhias socorrem-nos dos devaneios e das preocupações auto-eróticas. A amizade com outros rapazes é transitória e instável e um envolvimento homossexual é uma ameaça constante. Têm prazer nas relações sexuais, mas essas, se melhor examinadas, se mostram do tipo de prazeres preliminares. As moças são procuradas como um desafio adequado ao apego incestuoso do parceiro, seja por parecer ou diferir de membro significativo da família.

Há nesses adolescentes uma constelação infantil típica, foram considerados pelos pais, mais enfaticamente pela mãe, como destinados a grandes coisas na vida. A adolescência prolongada evita uma crise que deve terminar com a compreensão de que o mundo fora da família não reconhece o papel que a criança tentou desempenhar nas duas primeiras décadas de vida. Quando tentam romper esses laços, percebem que tal atitude é acompanhada de um empobrecimento narcísico que não são capazes de tolerar.

O senso de tempo dos adolescentes é então afetado pela substituição constante do futuro pelo passado. Se por um lado têm resistência à pressão regressiva, por outro lado persistem em evitar qualquer consolidação do processo adolescente. Como aceitavam placidamente a posição exaltada em que eram colocados, desenvolveram uma auto-suficiência submissa. Sentiam-se bem na presença feminina e constrangidos e receosos nos seus contatos com homens.

Há uma falha na organização hierárquica dos instintos e das funções do ego. O processo adolescente pode ser considerado fechado quando uma organização hierárquica e relativamente inflexível de instintos pré-genitais e genitais é alcançada e quando as funções do ego adquirem uma significativa resistência à regressão. Ocorre então o desenvolvimento de uma autonomia secundária do ego.

Quando o conflito da bissexualidade, que faz parte do desenvolvimento normal, pressiona por uma solução final na adolescência propriamente dita, este adolescente o contorna pela preservação na posição bissexual. Na adolescência prolongada se encontra a paradoxal figura em que não há conflito com o qual negociar porque nenhum conflito é experienciado. Esses adolescentes têm que ser ajudados a alcançar o conflito adolescente propriamente dito antes que a fase de consolidação da adolescência terminal chegue.

A incapacidade de abandonar posições infantis, juntamente com o desejo de independência e auto-afirmação fora dos limites da família combinam-se para fazer do prolongamento da adolescência a única solução. Solução essa, protetora contra duas alternativas: a regressão e o rompimento com a realidade, a solução psicótica; ou a repressão e formação de sintomas, a solução neurótica.

Pode-se dizer que a estrutura da adolescência prolongada é similar a de uma desordem de caráter. Em ambos os casos as restrições do ego não são vivenciadas como distônicas; porém não há a rigidez própria de uma desordem do caráter, já que, de modo geral, há acessibilidade a medidas terapêuticas.

Para REICH (1927) o caráter consiste em assumir uma mudança crônica do ego que poderia ser descrita como um endurecimento com finalidades protetoras, podendo levar a restrição da mobilidade psíquica. Essa blindagem é mitigada por relações que o autor chama de não caracterológicas.

Há um período determinado para a adolescência prolongada; seu limite se daria a partir da metade da década dos vinte anos quando teria de se submeter a um esquema mais organizado e mais rígido. O distúrbio de caráter narcísico seria o que melhor descreveria a tendência geral do desenvolvimento patológico que a adolescência prolongada poderia acabar por assumir.

O que leva esses jovens a procurar ajuda terapêutica são as frustrações narcísicas devidas a desapontamentos ou fracassos na educação, vocação, atividades sociais, ou, mais forte ainda, nos fracassos amorosos. O que torna mais difícil o aborde terapêutico é a perda da plasticidade do adolescente. Na delinquência ocorre um uso preponderante de soluções aloplásticas, ou seja, voltadas para o exterior. Na neurose há soluções autoplásticas, ou seja, voltadas para o mundo interno. Na psicose ocorrem soluções autísticas de adaptação.

Para finalizar, cita-se Helene DEUTSCH (1944), que disse que havia homens que permaneceriam na adolescência até a idade avançada e seu climatério não seria realmente uma revivescência e sim um reforçamento da continuação duradoura de sua adolescência.

## **Conclusão**

Há, na sociedade brasileira atual, uma onda de irracionalismo, onda essa que tenta colocar em segundo plano o primado da razão, as contribuições científicas (tão duramente conquistadas), num aparente clima de mudança estrutural. Essa onda se encontra disseminada por diversas áreas, com os disfarces já vistos de

antiautoritarismo, anticolonialismo e um pretensão antielitismo. Segundo ROUANET (1992), esse clima seria passageiro na medida em que a sociedade buscasse iniciar a substituição da anti-razão pela razão.

A tendência observada na sociedade brasileira do prolongamento do período adolescente não pode ser estudada apenas pela visão psicológica. Evidentemente o apoio de outras áreas do conhecimento humano se faz necessário. Face a formação profissional e interesse pessoal dos autores deste artigo, destinou-se uma maior consideração a fatores psíquicos em detrimento, por exemplo, dos sociais, que nesse trabalho tiveram um relevo menor do que realmente possuem. Uma pessoa busca tratamento psicanalítico quando seus sintomas se tornam ego distônicos ou quando não lhes é possível suportar a lentificação ou a paralisação do seu desenvolvimento emocional, cultural, intelectual, laborativo, etc.

No consultório, se, por um lado, os pacientes reproduzem conflitos da esfera infantil, os quais se busca resolver na situação analítica principalmente pela transferência; por outro lado, é constatado um aumento de atuações reveladoras de uma fixação à adolescência. Verifica-se uma obstinada recusa em passar para outra etapa da vida. No que se refere à parentalidade, esses pacientes adultos relutam em assumir essa nova etapa do desenvolvimento. Possuem capacidade física para procriar, capacidade econômica para manter um filho, só não mostram capacidade psicológica em se desenvolver.

Há o caso de um paciente que conseguia levar uma vida, em paralelo, de surfista, com uma “patota” em média vinte anos mais nova que ele. O que o levou realmente a se tratar foi a dificuldade experimentada quando por ocasião do nascimento de seu primeiro filho, nascimento indesejável para o paciente na época. Esse paciente conseguia manter um desempenho profissional excelente, porém, quando nos procurou essa área não conflituada da sua personalidade já estava comprometida. Houve por parte de sua mulher e parentes próximos uma certa cumplicidade com as atuações adolescentes desse paciente, até que tal atitude não pôde mais ser mantida.

Outro paciente já na quarta década de vida vestia-se com bermudões, camisas de clubes americanos de basquete, portava geralmente boné sempre com a aba voltada para trás etc. Tal maneira de vestir era totalmente inadequada a sua ocupação. Esse paciente pôde observar posteriormente como essa maneira de trajar lhe trazia dificuldades em sua empresa de trabalho.

Um paciente usava freqüentemente, a título de resistência ao tratamento, o jargão e a gíria adolescente de tal modo que tornava necessária a sua ajuda para “traduzir” seu relato. Esse paciente não freqüentava grupos de adolescentes, mas sim um grupo de adultos com comportamentos semelhantes aos seus. O número de pessoas com as características acima descritas veio a se mostrar maior do que se imaginava quando passou-se a prestar-lhes maior atenção.

Refletir e dentro do possível esclarecer os fatores causais é o primeiro estágio, a primeira ação dentro de um todo que vise mudanças qualitativas. Deve-se levar em conta que um número grande de fatores está sempre influenciando a cena social, como, por exemplo, o decréscimo de religiosidade, a preocupação muito importante com problemas financeiros e eventos políticos, a desvalorização daqueles que se impõem serem objetos de identificação bem sucedida, contrastes chocantes na distribuição econômica, grande ênfase na riqueza e no sucesso, por um lado, e, por outro, a exclusão de muitos na participação num e noutro etc.

As mudanças no mundo exterior são secundárias à capacidade do ser humano de promover mudanças internas. Para tal torna-se necessário não temer a possibilidade de ficar só, não temer o amadurecimento, aceitar a brevidade da vida e o fato de que um dia partirá deixando o mundo para as gerações seguintes.

Esta tarefa é lembrada na obra do pai da psicanálise, um racionalista para o qual, onde havia *Id*, esse deveria ser transformado em *Ego*. Freud descobriu os limites da razão e com isso armou o homem para sua conquista, conquista esta que não termina nunca.

Como exemplo das necessárias vigilância e perseverança há um exemplo extraído do *Brás Cubas* de Machado de Assis:

[...] É sestro antigo da Sandice criar amor às casas alheias, de modo que, apenas senhora de uma, dificilmente lhe farão despejar[...] Concluiremos que esta amável peregrina é o terror dos proprietários. No nosso caso, houve quase um distúrbio à porta do meu cérebro, quando a adventícia não queria entregar a casa e a dona não cedia da intenção de tomar o que era seu. Afinal já a Sandice se contentava com um cantinho no sótão. Não senhora, replicou a Razão, estou cansada de lhe ceder sótãos, cansada e experimentada, o que você quer é passar mansamente do sótão à sala de jantar, daí à de visitas e ao resto [...].”

Para finalizar, cita-se, como um exemplo da importância de se aprender pela experiência, mesmo que no caso seja a aprendizagem a partir de uma experiência desastrosa de uma guerra fratricida, um trecho da

impressionante obra *História da Guerra do Peloponeso* (1987), de TUCÍDIDES “[...] Quem quer que deseje ter uma idéia clara tanto dos eventos ocorridos quanto daqueles que algum dia voltarão a ocorrer em circunstâncias idênticas ou semelhantes em consequência do seu conteúdo humano, julgará minha História útil [...]”

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, M. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Lia, 1968.
- BENEDEK, T. *Parentalid*. Buenos Aires: Amorrurtu, 1983.
- BLOS, P. *Adolescência*. Uma interpretação psicanalítica. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- \_\_\_\_\_. *The adolescent passage*. New York: International Universities Press, 1979.
- DEUTSCH, H. *Problemas psicológicos da adolescência com ênfase na formação de grupos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FREUD, A. Adolescence. *The Psycho Analytical Study of the Child*, New York, v. 13, 1958.
- FREUD, S. *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 7.
- \_\_\_\_\_. *O mal estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 21
- \_\_\_\_\_. *Sexualidade feminina*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 22.
- GELEERD, E. R. Some aspects of psychoanalytic technique in adolescence. *The Psycho Analytic Study of Child*, New York, v. 12, 1957.
- JACOBSON, E. *El self (sí mismo) y el mundo objetal*. Buenos Aires: Beta, 1969.
- LEVBOVICI, S.; CAPLAN, G. *Psicología social de la adolescencia*. Grandes tratados. Buenos Aires: Paidós, 1973.
- MAHLER, M. S. *O nascimento psicológico da criança*. Simbiose e individuação. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- MYRA; y LOPES, E. *Psicologia evolutiva da criança e do adolescente*. 2. ed. Rio de Janeiro: Científica, 1954.
- REICH, W. *Análise do caráter*. Lisboa: Dom Quixote, 1979.
- RITVO, S. Late adolescence. Developmental and clinical considerations. *The Psycho Analytic Study of the Child*, New York, v. 26, 1971.
- ROUANET, S. P. O novo irracionalismo brasileiro. *Boletim Informativo da Associação Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, n. 2, 1992.
- TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987.
- WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- \_\_\_\_\_. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.